

Desigualdades nas trajetórias entre meninos e meninas nos anos finais do ensino fundamental da Ride-DF – Uma análise dos dados do Censo Escolar 2012-2016

Aline Perfeito - Universidade de Brasília e INEP

Ana Maria Nogales Vasconcelos - Universidade de Brasília

Palavras chave:

Desigualdades educacionais, trajetórias escolares, gênero, ensino fundamental

Introdução

O cenário educacional brasileiro alcançou nos últimos anos a universalização do acesso ao ensino fundamental, marco importante porém não suficiente para a continuidade dos estudos por parte dos estudantes: há uma defasagem significativa entre o número de ingressos no ensino fundamental comparado ao número de indivíduos que alcançam e concluem o ensino médio, fenômeno que tem atingido mais os estudantes do sexo masculino.

Os dados do Censo Escolar 2014 mostram que nos anos finais do ensino fundamental, o percentual de meninos matriculados correspondia a cerca de 51% do total de estudantes, já no ensino médio é possível ver que os meninos deixam de ser a maioria, sendo as meninas correspondentes a 52% do total dos estudantes.

Tendo em vista as diferenças existentes entre meninos e meninas no que se refere à composição da população educacional no país, esse artigo tem como objetivo descrever, a partir de análise longitudinal das trajetórias escolares, os eventos nos percursos das meninas e meninos nos anos finais do ensino fundamental, etapa de ensino onde as desigualdades de gênero começam a se acentuar, tendo como foco o sistema de ensino dos municípios integrantes da Ride-DF.

Meninos e meninas na escola: desigualdades no percurso escolar

De acordo com dados do Censo Escolar o ensino médio tem apresentado baixo crescimento no número de matrículas nos últimos anos, significando que parte dos estudantes fica apresada ao ensino fundamental ou mesmo abandona o sistema de ensino. Nesse contexto, são os meninos que mais ficam retidos e evadem da escola, o que permite a constatação de Carvalho (2003, p.186) de que “a escola está fracassando perante um grupo jovem e este grupo concentra uma maioria de pessoas do sexo masculino”, apresentando este grupo uma “trajetória mais longa e tumultuada” em relação às meninas.

Carvalho aponta que pouco se sabe como são construídos os processos de desigualdades educacionais entre meninos e meninas e não há ainda explicações contundentes sobre essas situações. O tema do fracasso escolar, segundo a autora, é

abordado de forma desassociada da questão de gênero sendo que, na verdade, “estamos falando o tempo todo de determinadas formas de masculinidade” (2003, p. 192).

Contudo, muitos estudos sobre as diferenças de gênero no contexto educacional, colocam como enfoque a análise de como as escolas cooperam para a ‘manutenção das desigualdades de condições e oportunidades oferecidas a homens e mulheres na sociedade e no mercado de trabalho’ (LAVINAS, 1997, p. 25.)

Essa percepção aproxima-se do pensamento do sociólogo Boudon, que mesmo sem entrar nas diferenças educacionais a partir da perspectiva de gênero, aponta que as desigualdades escolares são resultado da estratificação social onde “a existência de posições sociais distintas acarreta a de sistemas de expectativas e de decisão distintos cujos efeitos sobre a desigualdade das oportunidades perante o ensino são multiplicativos” (1981, p.253). Boudon afirma que são as posições sociais que decidem os rumos escolares das crianças, pois a partir de sua posição social ou de classe de sua família é que são construídas as estimativas distintas “dos custos, benefícios e riscos antecipados que se ligam a uma decisão” (idem, p. 91).

Nesse sentido, Carvalho aponta que as características sociais e econômicas dos estudantes influenciam em sua vida acadêmica, estando os meninos sujeitos a maior irregularidade na trajetória escolar de acordo com a sua classe e raça, assim “do ponto de vista das relações de gênero [...] parece que múltiplas dimensões da vida escolar e da infância se articulam na produção desse quadro de maiores índices de fracasso escolar entre pessoas do sexo masculino” (2001, p. 555).

Outro aspecto importante que associa relações de gênero, origem social e trajetórias escolares é a necessidade de inserção no mercado de trabalho. Em classes trabalhadoras, é relevante a necessidade e predisposição dos jovens do sexo masculino para a entrada precoce no mercado de trabalho (CARVALHO, 2001; ROSEMBERG, 2005).

Carvalho, Loges e Senkevics (2016) observaram em seus estudos que para os meninos de famílias populares o início das atividades laborais não podia esperar a conclusão dos estudos pois eles

[...] se defrontavam com uma “estrutura objetiva de possíveis” na qual sua relação com a escola e os saberes – muitas vezes conflituosa – se combinava com a exigência de que cumprissem seu papel de provedores. E, dessa forma, eram lançados a trabalhos de baixa qualificação ainda em idade escolar, ou antes de concluírem o ensino fundamental. Nossos exemplos mostram que mesmo o sonho de outro traçado de vida era escasso entre eles e dependente de fortes estímulos.

Em estudo analisando as trajetórias escolares a partir dos dados da PNAD 2006, Artes e Carvalho (2010) observaram que o trabalho estava presente mais fortemente entre os meninos, mas que a maioria deles conseguia conciliar trabalho e atividades escolares, e apontaram que “na análise de percurso escolar dos jovens brasileiros os meninos pobres e negros são o grupo que mais enfrenta dificuldades”.

As teorias e estudos abordados indicam que as desigualdades nas trajetórias escolares de meninos e meninas estão intrincadas na relação de gênero estabelecida, mas são permutáveis e oscilantes de acordo com outros aspectos, atingindo níveis diferenciados de influência de acordo com outras características dos indivíduos ligadas à sua origem social, tais como a classe social, cor/raça, características socioeconômicas do território onde habitam, dentre outros.

Metodologia

A pesquisa observou o percurso de meninos e meninas no sistema educacional a fim de identificar fatores que marcam as desigualdades educacionais segundo o gênero no ensino fundamental. No intuito de realizar um acompanhamento das trajetórias escolares que abarque um número representativo de indivíduos e, ao mesmo tempo, considere as características individuais dos estudantes, escolheu-se a utilização das informações do Censo Escolar.

Esse levantamento é realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep, autarquia vinculado ao Ministério da Educação, e coleta informações de escolas, turmas, alunos e profissionais escolares das instituições públicas e privadas de educação básica no país. O Censo Escolar alterou sua metodologia de coleta em 2007, quando passou de um levantamento de quantitativo de matrículas por instituição de ensino para uma coleta identificada dos alunos e profissionais escolares inseridos no sistema de ensino nacional, o que possibilita, desde então, o acompanhamento das suas trajetórias escolares nos sistemas de ensino.

A base preparada para essa pesquisa consolidou as informações dos anos de 2012 a 2016, considerando o vínculo do aluno no sistema de ensino em cada ano verificado. A partir dessa a consolidação da base de dados é possível a identificação dos eventos de fluxo escolar ocorridos para cada aluno presente na base no ano inicial.

Fluxo Escolar é a classe de indicadores que objetivam informar sobre a trajetória do estudante na educação básica (INEP, 2015) caracterizando-se pelo movimento ou a situação em que se encontra o aluno entre um ano escolar específico e o ano escolar

seguinte. Os indicadores de fluxo escolar diferenciam-se dos indicadores de rendimento/movimento escolar (aprovação, reprovação e abandono escolar) pelo fato de que esses últimos são construídos a partir da informação fornecida pela escola ao final de um ano letivo específico, não sendo considerada a situação do aluno no ano posterior.

São considerados indicadores de fluxo escolar: a) Promoção: caracterizada pela situação em que em um ano escolar específico o aluno encontra-se matriculado em um nível de ensino e no ano seguinte cursa uma etapa subsequente. b) Repetência: caracterizada pela situação em que em um ano escolar específico o (a) aluno (a) encontra-se matriculado em uma série e no ano seguinte encontra-se matriculado (a) na mesma série/ano ou em uma etapa anterior. c) Evasão escolar: a evasão escolar é quando o estudante se encontra em um ano escolar específico matriculado em série/ano (que não se caracteriza como uma série/ano de conclusão) e no ano posterior não é identificado como aluno no sistema de Ensino.

Além das informações de fluxo, foram consideradas nessa pesquisa as seguintes variáveis: sexo do estudante, idade do estudante, localização da escola (zona, UF e Município), dependência administrativa da escola, modalidade e etapa de ensino do estudante.

Recorte da análise

Tendo em vista que a definição do recorte de tempo de uma análise longitudinal deve levar em consideração os períodos em que as informações estão disponíveis, a capacidade de análise da pesquisa e o momento apropriado que trará as informações relevantes à análise, essa pesquisa focou-se na trajetória de meninos e meninas nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), período em que a população educacional passa progressivamente a ser formada, em sua maioria, por meninas.

Diante disso, foi analisado o percurso escolar dos estudantes de 2012 a 2016, sendo a coorte inicial os alunos matriculados no 6º ano do ensino fundamental em 2012, tendo em vista que em 2016, teoricamente, deveriam estar cursando o ensino médio.

Para que os dados analisados sejam comparáveis, delimitou-se nessa pesquisa os estudantes em que a faixa etária correspondia de 9 a 14 anos de idade até o dia 31 de maio de 2012, critério metodológico do Inep (2014). Os estudantes, identificados na base de dados do Censo Escolar, em idade fora desse intervalo foram desconsiderados da análise tendo em vista que, a partir dos 15 (quinze) anos ou mais os estudantes caracterizam-se como público alvo da educação de jovens e adultos, conforme a Resolução CEB/CEB nº3/2010.

Os estudantes que tiveram suas trajetórias analisadas são aqueles que se encontravam matriculados no 6º ano do ensino fundamental em escolas públicas e privadas dos municípios que compõem a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno/RIDE – DF, que é uma região estabelecida pela Lei Complementar nº 94/1998 e composta por 23 municípios dos estados do Goiás, Minas Gerais e Distrito.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Descrição da coorte inicial

Das escolas

Os dados constantes no Censo Escolar apontam que, em 2012, havia nos municípios da Ride-DF 681 escolas ofertantes do 6º ano ensino fundamental, sendo que 362 dessas escolas, ou seja, 53%, localizavam-se no Distrito Federal. Os municípios goianos e mineiros que compõem a Ride-DF e entorno apresentaram, 319 escolas com oferta desta etapa de ensino.

As escolas estão predominantemente localizadas na área urbana da Ride-DF, sendo que na zona rural há 79 escolas, o que corresponde a 11% do total de escolas. Os municípios goianos e mineiros da Ride-DF apresentam número de escolas em área rural superior ao DF. Quanto à esfera administrativa das escolas, a maior parte delas (64%) pertence à rede pública de ensino.

Dos estudantes

Nas escolas da Ride-DF havia 78.714 estudantes no 6º ano do ensino fundamental em 2012, sendo que 76,4% estavam matriculados em escolas públicas da zona urbana da região. No DF, apesar de existir mais escolas privadas urbanas ofertando o 6º ano do ensino fundamental, a população de estudantes nas escolas públicas correspondia a 73,4% do total de estudantes do DF, enquanto cabia às escolas privadas a matrícula de 23,2% dos estudantes.

Quanto ao sexo dos estudantes do 6º ano do ensino fundamental em 2012 da Ride-DF, havia 37,3 mil meninas e 41,3 mil meninos, o que percentualmente correspondiam do total de estudantes da Ride-DF a 47,6% e 52,6%, respectivamente. Essa situação é refletida também na composição das escolas, onde mais de 60% delas tem no 6º ano do ensino fundamental um maior número de estudantes do sexo masculino comparado aos do sexo feminino. Na verdade, em média, nas escolas da Ride-DF em qualquer área,

localização/zona da escola e rede de ensino, a proporção de meninas nessa etapa de ensino é menor.

As informações sobre a idade dos estudantes da Ride-DF - considerando que a coorte inicial teve o recorte de 9 a 14 anos de idade no ano de 2012 - indica que quase 65,5 mil estudantes tinham até 12 anos, ou seja, 83,2% dos estudantes encontravam-se com idade adequada para cursar o 6º ano do ensino fundamental e 13,2 mil (16,8%) tinham idades de 13 ou 14 anos, caracterizando-se como o público que se encontrava em distorção idade-série.

Verificou-se a distribuição dos estudantes nas áreas da Ride-DF, por rede de ensino, localização da escola e informação do sexo e faixa etária dos estudantes (Tabela 1). Os dados analisados apresentaram importantes diferenças na população dos estudantes de escolas públicas e privadas. A primeira delas é que o percentual de estudantes que estão com distorção idade-série é maior nas escolas da rede pública, onde 20,3% (12,9 mil) dos estudantes apresentavam, em 2012, 13 ou 14 anos. Nas escolas privadas o percentual de estudantes com a idade defasada era de 2% (2,4 mil).

A segunda diferença é no que diz respeito a proporção de meninos e meninas em distorção idade-série. Na rede pública, existiam, em 2012, quase 8,6 mil meninos com idade acima de 12 anos, correspondendo a quase o dobro de meninas na mesma condição (4,3 mil). Nas escolas privadas o número de meninos em idade defasada para o 6º ano do ensino fundamental também era maior (190), mas apresentava-se de forma mais equilibrada em relação ao número de meninas (117).

Nos municípios componentes da Ride-DF e no Distrito Federal, a maior parte dos estudantes com idade defasada nas escolas públicas é composta por meninos, sendo que tanto para os municípios mineiros e goianos e para o Distrito Federal, os meninos representam cerca de 66% dos estudantes em distorção idade-série.

Tabela 1. Percentual de estudantes segundo o sexo do 6º ano do ensino fundamental por área, rede de ensino e faixa etária - Ride-DF 2012

Área	Faixa etária	Pública		Privada	
		Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Ride exceto DF	Até 12	51,5	48,5	48,0	52,0
	13 a 14	33,6	66,4	40,4	59,6
DF	Até 12	49,7	50,3	50,2	49,8
	13 a 14	33,4	66,6	37,0	63,0
Ride DF	Até 12	50,3	49,7	49,8	50,2
	13 a 14	33,5	66,5	38,1	61,9

Nas escolas privadas o percentual de meninos em relação ao total de estudantes em distorção idade-séria varia de 63% para o DF e 59,6% para os municípios goianos e mineiros da Ride-DF.

ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DAS TRAJETÓRIAS

A análise da eficiência dos sistemas de ensino da Ride-DF no que diz respeito aos anos finais do ensino fundamental teve como objeto de avaliação o ponto de chegada do percurso dos quatro anos letivos dos estudantes que estavam, em 2012, matriculados no 6º ano do ensino fundamental (coorte inicial), ou seja, a situação em que os meninos e as meninas se encontravam em 2016, ano em que teoricamente deveriam estar cursando o ensino médio.

Em uma análise geral observa-se que dos mais de 78 mil estudantes do 6º do ensino fundamental da Ride-DF em 2012, cerca de 65,8 mil ou 83,7% permaneceram no sistema de ensino até o ano de 2016, sendo identificados como ausentes do sistema de ensino 12,8 mil ou 16,3% dos estudantes presentes na coorte inicial¹.

Considerando, para essa pesquisa, como trajetória eficiente aquelas nas quais os estudantes da coorte inicial se encontravam no ensino médio regular em 2016, verificou-se que a eficiência das trajetórias escolares na Ride-DF foi de 55,2%, ou seja, a cada 10 estudante do 6º ano do ensino fundamental em 2012, apenas 5 encontravam-se no ensino médio em 2016.

Em resumo esses dados apontam que, da coorte inicial 2012, 16,3% dos estudantes não se encontravam mais matriculados em nenhuma escola do sistema de ensino, 28,5% encontravam-se matriculados ainda no ensino fundamental regular ou na EJA e 55,2% registraram matrícula no ensino médio regular.

A Tabela 2 apresenta o percentual de trajetórias eficientes nas escolas da Ride-DF sendo possível perceber que:

- a) Independentemente da área da Ride-DF, da localização da escola, da rede de ensino a qual pertence e o sexo dos estudantes, há um menor percentual de trajetórias eficientes para aqueles estudantes que se encontravam com idade defasada (13 e 14 anos) em relação àqueles que se encontravam com idade adequada (até 12 anos) no 6º ano do ensino fundamental. Isso indica que os percursos escolares anteriores

¹ Para análise da eficiência foram desconsiderados 40 estudantes que foram declarados como falecidos nos fluxos de 2012 a 2015.

desses alunos com idade defasagem contribuíram significativamente para que suas trajetórias não fossem eficientes, ou seja, as dificuldades dos estudantes parecem sofrer acúmulo com os processos vividos em anos letivos anteriores e, em muitos casos, não foram atenuadas durante sua passagem pelos anos finais do ensino fundamental;

- b) Em quaisquer estratos analisados o percentual de trajetórias eficientes para os meninos é menor do que para as meninas, porém essa diferença é:
- I. Para os estudantes em idade adequada, mais acentuada nas escolas públicas do que nas escolas da rede privada;
 - II. Para os estudantes com idade defasada, menos acentuada nas escolas públicas urbanas do que nas escolas rurais e privadas.
- c) As escolas públicas do DF apresentam menor percentual de trajetórias eficientes para meninos e meninas de quaisquer faixas etárias do que as escolas públicas dos municípios goianos e mineiros da Ride-DF.
- d) As escolas privadas do DF apresentam maior percentual de trajetórias eficientes para meninos e meninas de quaisquer faixas etárias do que as escolas privadas dos municípios goianos e mineiros da Ride-DF.

Tabela 2. Percentual de trajetória eficiente por área, localização/zona da escola, rede de ensino, faixa etária e sexo dos estudantes - Ride-DF

Área	Faixa etária	Total	Urbana				Rural*	
			Pública		Privada		Pública	
			Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas
Ride Exceto DF	até 12 anos	64,4	69,0	55,9	79,5	73,1	69,4	55,9
	13 a 14 anos	25,5	31,1	22,3	41,0	25,4	31,8	24,6
DF	até 12 anos	60,6	60,2	47,2	82,6	76,9	61,8	43,9
	13 a 14 anos	20,8	23,3	18,8	45,5	33,6	34,1	13,2
Ride DF	até 12 anos	61,8	63,2	50,0	82,1	76,3	65,6	49,7
	13 a 14 anos	22,5	26,2	20,1	44,0	31,1	33,0	18,6

* Por apresentar um número pequeno de estudantes (13) não foi realizada a análise considerando a única escola privada em zona rural.

Fonte: MEC/Inep/Censo Escolar 2012-2016

Análise do fluxo escolar

A análise do fluxo escolar contextualiza as situações escolares que podem ter ocorrido com os estudantes da coorte inicial durante o período de 2012 a 2016 e permite visualizar os fatores que justificaram a trajetória não eficiente dos estudantes, ou seja, o que aconteceu para que 44,8% dos estudantes não tenham matrícula registrada no ensino médio no ano de 2016.

Nas escolas públicas da Ride-DF percebe-se que na transição do ano letivo de

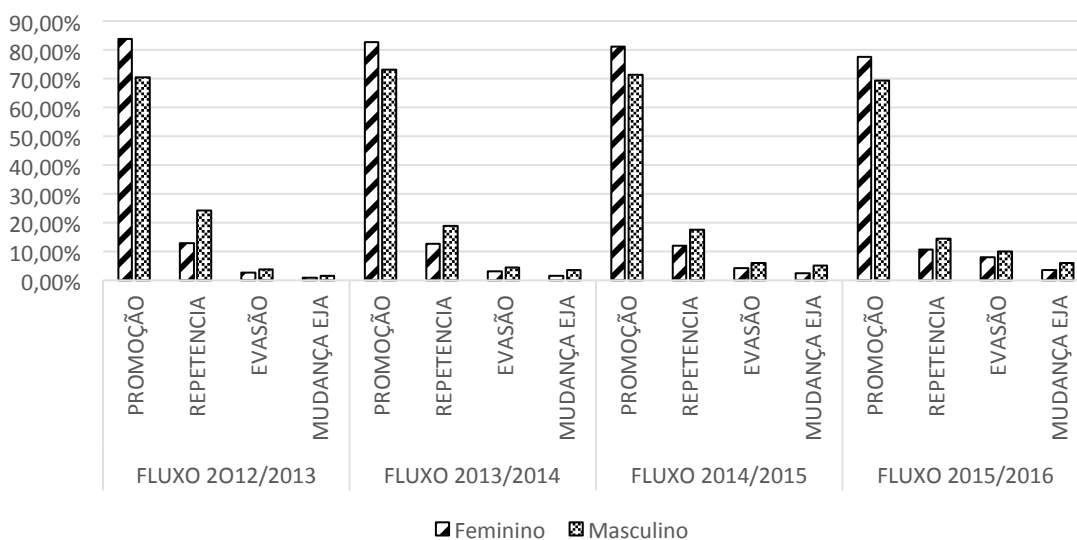
2012 para 2013 (Gráfico 1) a promoção foi a situação mais recorrente entre os estudantes, ou seja, mais de 80% das meninas e 70% dos meninos que se encontravam matriculados no 6º ano do ensino fundamental em 2012, foram registrados em etapa de ensino superior no ano letivo de 2013. Ainda no fluxo 2012/2013 é possível perceber que mais de 24% dos meninos cursaram novamente o 6º ano do ensino fundamental em 2013, enquanto as meninas repetentes correspondiam a um percentual próximo aos 12% do total das meninas da coorte inicial.

Desse modo, no primeiro ano de fluxo escolar já é possível identificar as diferenças nas trajetórias dos meninos e meninas na rede pública, cabendo a eles o maior percentual de repetência e, apesar de em menor proporção, são os meninos também que mais evadiram em 2013 ou iniciaram seus estudos na educação de jovens e adultos - EJA.

Nos fluxos escolares seguintes, 2013 a 2016, as diferenças entre meninas e meninos persistem e é observada uma diminuição progressiva da promoção e repetência, enquanto há um crescimento da evasão e migração para a EJA.

Apesar desse crescimento contínuo da evasão e mudança de modalidade de ensino é, somente no último fluxo analisado 2015/2016, que a proporção desses dois eventos somados ultrapassa ao da repetência, ou seja, evidencia-se que é após três fluxos escolares que os estudantes das escolas públicas passam a considerar mais a possibilidade de sair do sistema regular de ensino do que a continuar sendo reprovados. Isso pode ser constatado respectivamente para meninos e meninas, pelos valores de evasão de 10% e 8%, migração para EJA de 6% e 3,5% e repetência de 14,5% e 10% no fluxo de 2015/2016.

Gráfico 1. Percentual de estudantes 6º ano do ensino fundamental em 2012 por indicadores de fluxo escolar – Rede de ensino pública – Ride-DF



Fonte: MEC/Inep/Censo Escolar 2012-2016

Analisando os dados sobre concluintes por área da Ride-DF (Tabela 3) percebe-se que, percentualmente, foram os estudantes dos municípios goianos e mineiros que mais evadiram após a conclusão do ensino fundamental correspondendo a 44% dos concluintes, enquanto no DF estudantes na mesma situação representavam 35% dos concluintes em 2015.

Também é possível verificar que dentre os estudantes que concluíram o ensino fundamental e evadiram, o percentual de meninas nessa situação é superior aos dos meninos em todas as áreas da Ride-DF, localização/zona da escola e rede de ensino.

Tabela 3. Percentual de estudantes 6º ano do ensino fundamental em 2012 concluintes em 2015 e não matriculados em 2016 sobre o total de evadidos em 2015/2016 por rede de ensino, área e sexo — Ride-DF

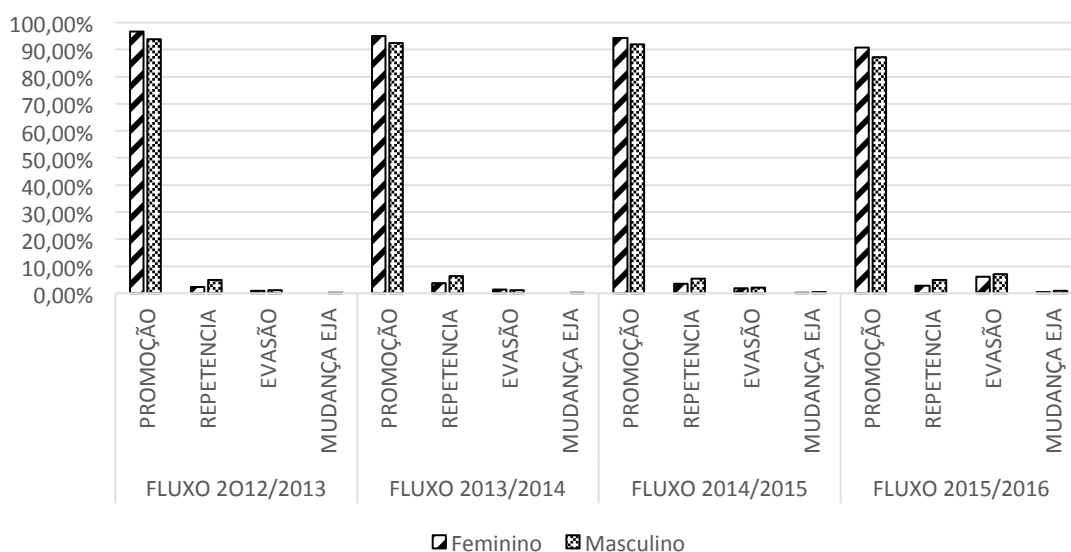
Área	Pública		Privada		
	Total	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Ride exceto DF	44,4	50,3	36,8	74,5	54,1
DF	35,5	27,6	19,0	81,2	71,6

Fonte: MEC/Inep/Censo Escolar 2012-2016

Na rede privada da Ride-DF os dados (Gráfico 2) apresentam-se mais positivos, onde a promoção dos estudantes no primeiro fluxo (2012/2013) é próxima a 100%, e menos desigual entre as meninas os meninos, 96,7% e 93,9%, respectivamente. Apesar de os dados de promoção terem decréscimo contínuo durante os fluxos, na transição dos anos letivos de 2015 para 2016, o último fluxo analisado nessa pesquisa, o percentual de meninos e meninas aprovados ainda é superior a 87% e 90%.

As informações de repetência durante os fluxos escolares na rede privada não sofrem variação considerável, mantendo-se para os meninos o percentual de 4,9% em no fluxo 2012/2013 e em 2015/2016 e passando de 2,4 para 2,7 para as meninas nos mesmos fluxos. A saída dos estudantes do sistema de ensino permanece praticamente inalterada nos dois primeiros fluxos (2012/2013 e 2013/2014) e nota-se crescimento nos dois últimos fluxos, sendo que em 2015/2016 é apresentado o percentual de evasão de 7,1% para os meninos e de 6,1% para as meninas.

Gráfico 2. Percentual de estudantes 6º Ano do ensino fundamental em 2012 por indicadores de fluxo escolar – Rede de ensino privada – Ride-DF



Fonte: MEC/Inep/Censo Escolar 2012-2016

Observação dos fluxos regulares

Para análise sob outra perspectiva das trajetórias dos estudantes do 6º ano do ensino fundamental na Ride-DF 2012, foi verificado o percentual de meninos e meninas que tiveram um fluxo regular, ou seja, àqueles que a cada ano letivo foram matriculados em etapa de ensino superior ao do ano anterior. Assim, foram consideradas em relação aos estudantes que estavam em 2012 no 6º ano do ensino fundamental as seguintes situações:

- Estudantes matriculados em 2013 no 7º ano do ensino fundamental ou etapa de ensino superior na modalidade regular;
- Estudantes matriculados em 2014 no 8º ano do ensino fundamental ou etapa de ensino superior na modalidade regular;
- Estudantes matriculados em 2015 no 9º ano do ensino fundamental ou etapa de ensino superior na modalidade regular;
- Estudantes matriculados em 2016 na 1ª série do ensino médio ou etapa de ensino superior na modalidade regular.

Ao observar o percentual de estudantes com o fluxo regular nas escolas da Ride exceto DF (Gráfico 3) nota-se que para os estudantes matriculados em 2012 nas escolas privadas, houve um decréscimo contínuo das trajetórias até 2016, sendo possível perceber que as maiores baixas ocorreram entre os anos letivos de 2012 e 2013 e entre

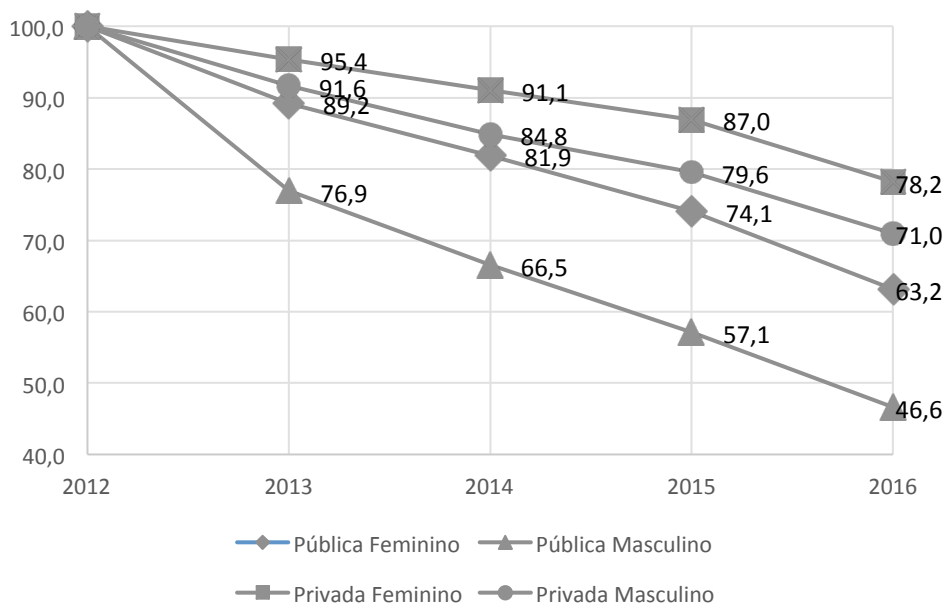
2015 e 2016.

As diferenças entre os meninos e as meninas nas escolas da rede privada de ensino dos municípios goianos e mineiros da Ride-DF aparecem no início do fluxo (2012-2013), ampliando-se a cada fluxo, sendo os meninos aqueles que apresentam maior decréscimo no que diz respeito aos fluxos regulares, quando, em 2016, 71% deles mantiveram um fluxo regular enquanto que o percentual das meninas na mesma situação alcançou 78,2%

Para as escolas privadas do DF (Gráfico 4) observa-se que há um maior percentual de estudantes com fluxo regular em relação à situação das escolas privadas dos demais municípios da Ride-DF, tanto para os meninos que chegaram em 2016 apresentando um percentual 76% de fluxos regulares como para as meninas que tiveram 82,1% de fluxos regulares.

No contexto das escolas públicas há uma inversão nos percentuais de fluxos regulares, sendo no DF onde os percentuais de estudantes que progrediram para séries seguintes em todos os anos analisados estão abaixo dos percentuais alcançados pelas escolas públicas goianas e mineiras da Ride-DF. Em 2016, nota-se que o percentual de estudantes com fluxos regulares na rede pública do DF foi de 40,2% para os meninos e 55,2% para as meninas e a Ride exceto DF apresentou percentuais de 46,6% (meninos) e 63,2% (meninas).

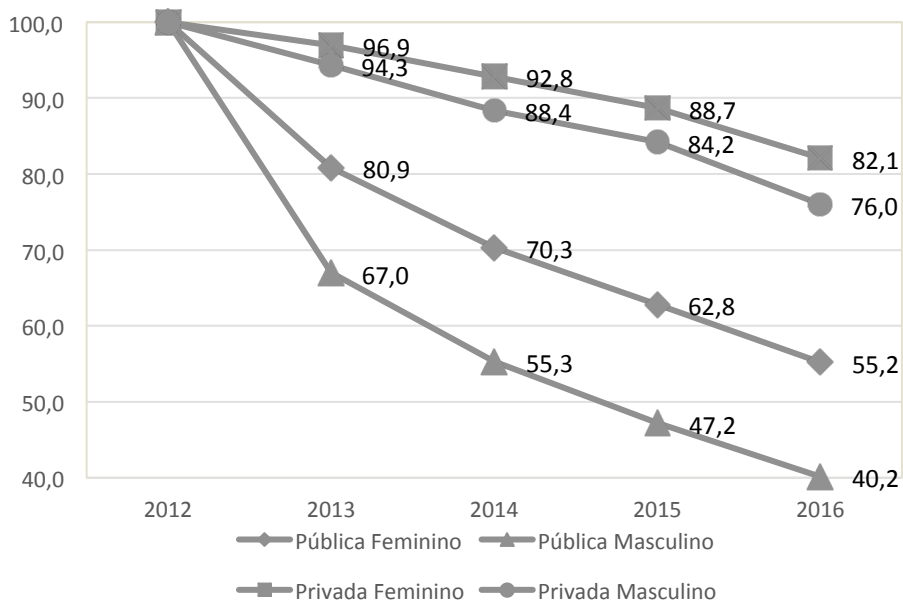
Gráfico 3 - Percentual de estudantes do 6º ano do ensino fundamental com fluxo regular de 2012 a 2016 por rede de ensino e sexo – Ride exceto DF



Fonte: MEC/Inep/Censo Escolar 2012-2016

Quanto às trajetórias dos meninos nas escolas públicas da Ride DF, observa-se que é no primeiro fluxo (2012-2013) onde há a maior baixa de estudantes com fluxo regulares, apresentando percentuais de 67% para o DF e 76,9% para os demais municípios da região, nos anos letivos seguintes o decréscimo é mais equilibrado entre os fluxos. Para as meninas das escolas públicas do DF, o primeiro fluxo também se destaca, alcançando o percentual de 80,9% enquanto na Ride exceto DF o percentual é de 89,2%.

Gráfico 4. Percentual de estudantes do 6º ano do ensino fundamental com fluxo regular de 2012 a 2016 por rede de ensino e sexo – DF



Fonte: MEC/Inep/Censo Escolar 2012-2016

Em todos os estratos das escolas públicas do DF verifica-se que o percentual de fluxos regulares para os meninos é inferior ao percentual alcançado pelas meninas em todos os anos analisados. Observa-se também que o comportamento dos fluxos dos estudantes das escolas militares destaca-se positivamente dentre as escolas públicas do DF, com percentuais de fluxos regulares em 2016 de 76,7% para os meninos e 80,9% para as meninas, valores próximos aos percentuais de fluxos regulares apresentados pelas escolas privadas do DF.

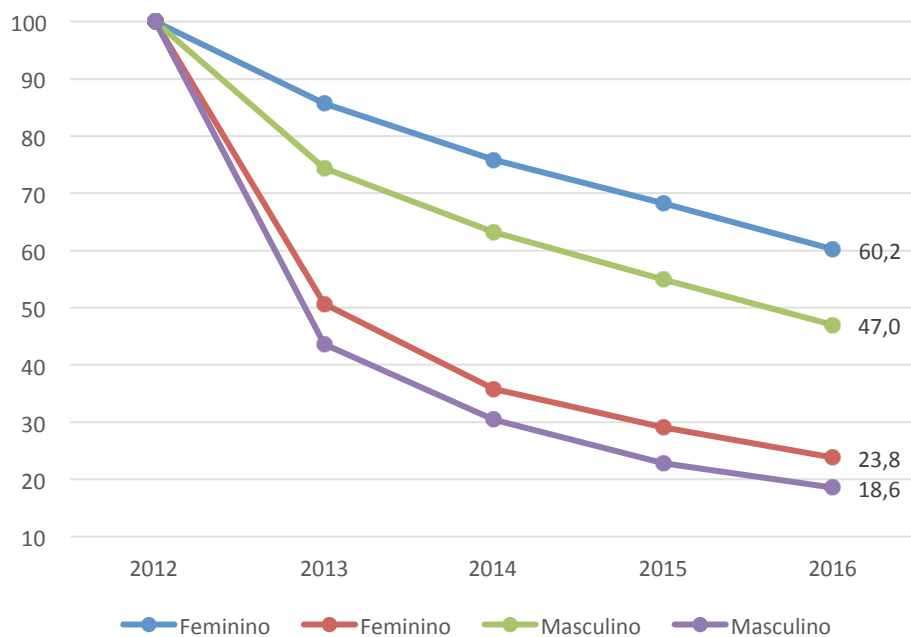
Entre as escolas públicas do Plano Piloto e das demais regiões administrativas do DF evidencia-se pequenas diferenças nos percentuais de fluxos regulares dos estudantes, sendo o cenário mais favorável para as escolas na zona central do DF. De uma forma geral, nas escolas públicas do DF, com exceção das escolas militares, pode-se afirmar que para cada 10 meninos matriculados no 6º ano do ensino fundamental em 2012, 4 chegaram a

2016 progredindo as etapas de ensino em todos os anos do percurso. Já no universo das meninas, para cada 10 no 6º ano do ensino fundamental em escola pública do DF em 2012, menos de 6 chegaram ao ensino médio em 2016 seguindo um fluxo regular, ou seja, progredindo consecutivamente a cada ano para etapas posteriores do ensino regular.

Tendo em vista as diferenças relatadas anteriormente referentes às trajetórias dos estudantes segundo a faixa etária, os Gráficos 5 e 6 apresentam os fluxos regulares para meninos e meninas com idade adequada e idade defasada à etapa de ensino em 2012 nas escolas públicas das áreas da Ride-DF. Observa-se que o fluxo regular dos estudantes do DF apresenta menores percentuais para meninos e meninas em qualquer faixa etária em relação aos fluxos dos demais municípios do DF.

Os gráficos ilustram a lacuna existente entre os estudantes de acordo com a faixa etária que se encontravam em 2012, apontando que, no DF, enquanto 86% das meninas com a idade adequada progrediram para a etapa seguinte no primeiro fluxo (2012-2013), apenas 51% daquelas que se encontravam com a idade defasada conseguiu manter o fluxo regular em 2013. Na mesma situação, os meninos com idade de até 12 anos que tiveram um fluxo regular nesse mesmo período correspondiam a 74% e aqueles com 13 anos ou mais correspondiam a 44% com fluxo regular em 2013.

Gráfico 5. Percentual de estudantes do 6º ano do ensino fundamental com fluxo regular de 2012 a 2016 por sexo e faixa etária – Rede Pública do DF



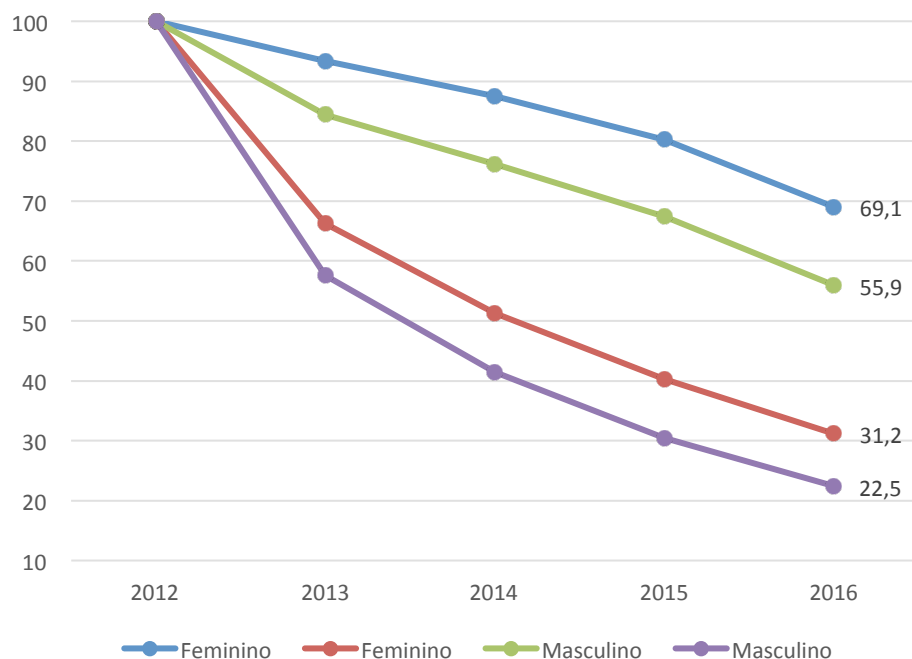
Fonte: MEC/Inep/Censo Escolar 2012-2016

Nos demais municípios da Ride-DF os percentuais referentes ao fluxo regular são maiores que no DF, mas as diferenças de acordo com a faixa etária dos estudantes ainda são significantes sendo que foram matriculados em 2013 em etapa de ensino superior a que se encontravam no ano anterior 2012, 93% das meninas e 84% dos meninos em idade adequada e 66% das meninas e 58% dos meninos com a idade defasada.

Observa-se que nas escolas públicas do DF, as diferenças entre meninos e meninas são menores quando os mesmos estavam com a idade defasada em relação aos que tinham a idade adequada. Considerando apenas o grupo de estudantes com a idade de até 12 anos, verifica-se que a cada 100 meninas matriculados no 6º ano do ensino fundamental em 2012, 60 mantiveram um fluxo regular durante todas as séries dos anos finais do ensino fundamental e para cada 100 meninos, 47 conseguiram obter o mesmo desempenho. Com o grupo de estudantes que se encontrava em distorção idade-série em 2012, a cada 100 meninas, 24 estiveram a cada ano do fluxo regular em etapa superior à do ano letivo anterior, enquanto para cada 100 meninos, 19 fizeram o mesmo percurso.

No que diz respeito aos fluxos regulares dos estudantes nas escolas públicas goianas e mineiras da região, constata-se que no grupo dos estudantes em idade adequada no 6º ano do ensino fundamental em 2012, a cada 100 meninas, 69 foram promovidas à série seguinte em todos os anos do período analisada (2013 a 2016) e a cada 100 meninos, 56 também se encontravam na mesma situação.

Gráfico 6. Percentual de estudantes do 6º ano do ensino fundamental com fluxo regular de 2012 a 2016 por sexo e faixa etária – Rede Pública Ride exceto DF



Fonte: MEC/Inep/Censo Escolar 2012-2016

Ainda no contexto das escolas públicas da Ride-DF (com exceção do DF), percebe-se que os percentuais de fluxos regulares para os estudantes de 13 e 14 anos são inferiores aos dos estudantes de até 12 anos. Nesse cenário, a cada 100 meninas matriculadas em 2012 no 6º ano do ensino fundamental, apenas 31 chegaram em 2016 progredindo em todos os anos do período para etapa de ensino superior à do anterior. E são os meninos em idade defasada que também apresentam o pior cenário: a cada 100 estudantes do sexo masculino em 2012, 22 foram matriculados no ensino médio regular em 2016 sendo promovido em todos os anos do período analisado.

Considerações finais

Avaliar as desigualdades existentes segundo o gênero nos percursos escolares do ensino fundamental da Ride-DF mostrou como é complexo identificar os fatores que estão associados à permanência ou à saída dos estudantes do sistema educacional, mesmo com uma análise longitudinal de uma coorte. Mas, apesar do intrincado contexto educacional brasileiro e as limitações de uma análise realizada a partir da exploração de informações oriundas de bases de dados oficiais, nesse caso, o Censo Escolar, os resultados dessa pesquisa apontam algumas relações que precisam ser discutidas à luz das concepções teóricas que motivaram a análise.

As informações levantadas nesta pesquisa confirmam que nas escolas da Ride-DF as trajetórias dos estudantes do ensino fundamental são marcadas por desigualdades entre meninas e meninos, assim como acontece, de um modo geral, no restante do território nacional. Essas disparidades, assim como já abordado em outros estudos (CARVALHO, 2003; ROSEMBERG, 2005), mostram que os meninos são a maioria dentre os estudantes com trajetórias “desordenadas” e interrompidas.

Os resultados aferidos apontaram que independentemente da área da Ride-DF, os meninos apresentam trajetórias menos eficientes, ou seja, da coorte inicial matriculada no 6º ano do ensino fundamental em 2012 os meninos encontram-se em quantitativo menor em relação às meninas no total de matriculados no ensino médio em 2016.

Outro ponto interessante é que quando os dados de eficiência nas trajetórias são analisados de acordo com a faixa etária dos estudantes, a diferença entre os meninos e as meninas com idade defasada é menor que a diferença existente no grupo com idade adequada à etapa de ensino (6º ano do ensino fundamental). Assim, parece que entre aqueles que já se encontram em “desvantagem” por estarem em distorção idade-série, os percentuais de eficiência ficam mais equilibrados entre si, apesar de ainda ser menores para os meninos.

Ao analisar os indicadores de fluxo escolar da coorte inicial durante o período de 2012 a 2016, notou-se que a promoção é menor entre os meninos do que entre as meninas em todos os fluxos. Porém, o que mais chama a atenção nesses indicadores são as diferenças existentes entre os estudantes da Ride-DF que saem do sistema de ensino formal, enquanto entre as meninas observa-se uma procura pela educação de jovens e adultos mais acentuada, nota-se que os meninos optam com mais frequência em sair do sistema de ensino, ou seja, a escolha dos meninos, por muitas vezes, é interromper a sua escolarização ao invés de continua-la mesmo que seja em uma modalidade de ensino com metodologia mais flexível.

A constatação dessa diferença nas escolhas entre meninas e meninos que saem do sistema regular de ensino, remete à teoria da análise de riscos e benefícios apresentada por Boudon, onde os estudantes colocam na balança quais os ganhos e perdas em continuar ou interromper suas trajetórias escolares. O maior percentual de meninas escolhendo a EJA poderia estar associado a fatores que a impediriam de continuar seus estudos durante o dia, como a execução de atividades domésticas. E os meninos, deixam a escola por não conseguirem conciliar o estudo com a sua inserção no mercado de trabalho.

Camarano, Mello e Kason (2006) apontam que, apesar das consideráveis transformações no cenário econômico, onde as mulheres ganharam mais espaço no mercado de trabalho tendo em vista o aumento da escolaridade feminina, a transição das jovens para a idade adulta ainda é marcada pelo prevaecimento do casamento e maternidade, enquanto aos meninos, além da “não desprezível” taxa de mortalidade masculina, a entrada no mercado de trabalho ainda é um dos motivos pela saída da escola e marca a transição masculina para a vida adulta.

A análise dos fluxos escolares dos estudantes dos anos ensino fundamental da Ride-DF também mostrou diferenças existentes na regularidade da promoção dos estudantes segundo o gênero e a rede de ensino da escola. Ao verificar os estudantes que se encontravam matriculados no ensino médio em 2016 e que em cada ano letivo do período analisado foram matriculados em etapa de ensino superior ao do ano anterior, os percentuais de estudantes das escolas privadas são sempre superiores aos das escolas públicas, cabendo aos meninos em qualquer rede de ensino os menores percentuais comparando às meninas. Enquanto nas escolas privadas, 78% das meninas e 71% dos meninos transitaram por todos os anos letivos progredindo para etapa superior, nas escolas públicas os mesmos percentuais atingiram os valores de 63% e 46%, respectivamente.

A análise das trajetórias de meninos e meninas a partir da cor/raça dos estudantes, apesar de inicialmente fazer parte do escopo das variáveis a serem consideradas na pesquisa, tornou-se inviável, devido à alta subnotificação¹³ existente nos dados do Censo Escolar. A não análise desse quesito não permite identificar outras desigualdades dentro das já existentes no cenário educacional, pois muitos estudos já indicaram que estudantes negros se encontram em considerável desvantagem em relação aos estudantes brancos. Beltrão afirma “as desigualdades raciais são também desigualdades sociais e ficam flagrantes quando examinamos os dados relativos à escolaridade, desagregando-os pelas diferentes categorias de cor ou raça que compõem a população brasileira” (2005, p.78), sendo que quanto maior o nível educacional maior as disparidades entre os estudantes brancos e não brancos.

As ponderações realizadas nessa pesquisa corroboram que há, também nas escolas da Ride-DF assim como no cenário nacional, desigualdades educacionais entre meninos e meninas apontadas pela análise das trajetórias escolares e, tais desigualdades ultrapassam as diferenças biológicas entre os sexos e se consolidam nas relações de gênero, ou seja, as diferenças no desempenho escolar são mais acentuadas ou mais equilibradas entre os estudantes de acordo com o “ser menina” ou “ser menino” em determinado território,

de determinada origem social e em determinada faixa etária - fatores explorados nessa pesquisa – mas sabe-se que tais fatores exploram apenas uma parte da conjuntura e torna-se crucial a contextualização a partir de outros aspectos dos próprios estudantes e do território onde se encontram.

Referências

ARTES, Amélia Cristina Abreu; CARVALHO, Marília Pinto de. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 34, n. 1, p.0-0, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332010000100004>. Acesso em: 10 jan. 2017.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami. Raça e fronteiras no Brasil: lendo nas entrelinhas do centenário hiato de raças no Brasil. In: SOARES, Sergei et al (Org.). Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras. Rio de Janeiro: Ipea, 2005. p. 41-92.

BOUDON, Raymond. **A desigualdade das oportunidades**: A mobilidade social nas sociedades industriais. Brasília: Unb, 1981.

BRASIL. Inep. **Censo Escolar da Educação Básica 2013**: Resumo Técnico. 2014. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

BRASIL. Inep. Diretoria de Estatísticas Educacionais/Coordenação-Geral do Censo Escolar da Educação Básica. **Cartilha Módulo Situação do Aluno**: Conceitos e orientações. 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/educacenso/situacao_aluno/documentos/2015/cartilha_modulo_situacao_do_aluno_educacenso.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.

BRASIL. Inep. Diretoria de Estatísticas Educacionais/Coordenação-Geral do Censo Escolar da Educação Básica. **Censo Escolar da Educação Básica 2016**: Caderno de Instruções. 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/educacenso/matriculada_inicial/2016/documentos/caderno_de_instrucoes_2016.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2017.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e; KANSO, Solange. Transição para a vida adulta: mudança por período e coorte. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). Transição para a Vida Adulta ou Vida Adulta em Transição? Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 95-136. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5504>. Acesso em: 03 dez. 2016.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos Feministas**, SC, v. 9, n. 2, p.554-574, fev. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8640>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

CARVALHO. Sucesso e Fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.185-193, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27906>>. Acesso em: 3 mai. 2016.

CARVALHO, Marília Pinto de; LOGES, Tatiana Ávila; SENKEVICS, Adriano Souza. Famílias de setores populares e escolarização: acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p.81-99, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2016000100081&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 jan. 2017.

DISTRITO FEDERAL. CODEPLAN. (Org.). **Nota Técnica nº 1/2014: Delimitação do Espaço Metropolitano de Brasília (Área Metropolitana de Brasília)**. 2014. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/noticias/noticias/item/3177-área-metropolitana-de-brasília-um-espaço-integrado.html>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

INEP. **Nota técnica CGCEB/Deed/Inep nº 11/2014: Cálculo e Forma de Divulgação da Variável Idade nos Resultados dos Censos Educacionais**. Brasília, 2014.

INEP. **Nota técnica Deed/Inep: Estimativas de fluxo escolar a partir do acompanhamento longitudinal dos registros de aluno do Censo Escola**. [s.l.]: Não publicado, 2015.

LAVINAS, Lena. Gênero, Cidadania e Adolescência. In: MADEIRA, Felícia Reicher (Org.). **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 135-211.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Desigualdades de raça, cor e gênero no sistema educacional brasileiro**. 2005. Trabalho apresentado no Seminário Internacional "Ações afirmativas nas políticas educacionais brasileiras: o contexto pós-Durban". Brasília. Disponível em: <http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/DESIGUALDADES_DE_RAÇA_EGÊNERO_NO_SISTEMA_EDUCACIONAL_BRASILEIRO_-_Fúlvia_Rosemberg.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2016.